

RETROSPECTIVAS

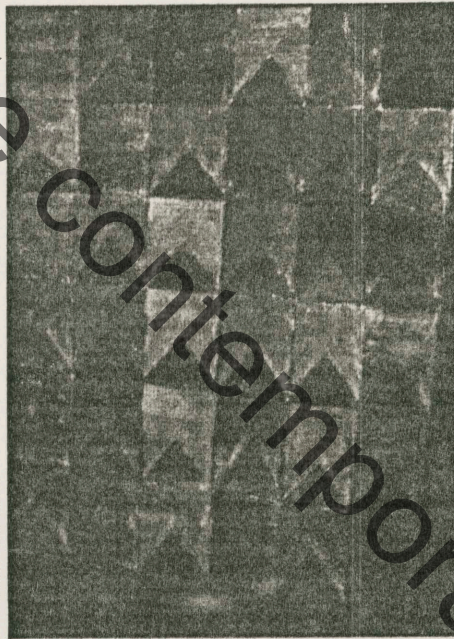
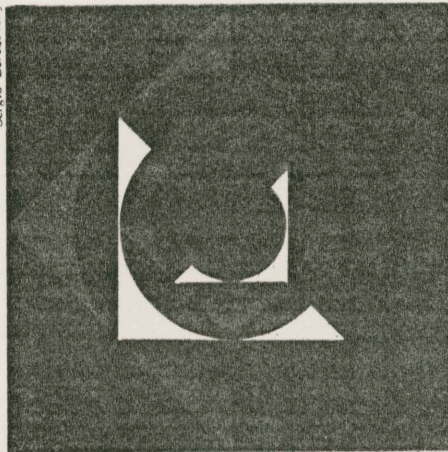
O triângulo de ouro

Boa oportunidade para comparar os construtivos de São Paulo.

Alfredo Volpi, "As pequenas grandes obras — três décadas de pintura", 65 obras; A Ponte Galeria de Arte, São Paulo; Hermelindo Fiaminghi, "Décadas 50-60-70", 124 pinturas; e Luiz Sacilotto, "Expressões e concreções", 130 pinturas e esculturas; Museu de Arte Moderna de São Paulo.

■ Semelhanças não faltam aos três importantes artistas atualmente com retrospectivas na cidade de São Paulo. Volpi, Sacilotto e Fiaminghi têm origem proletária, na Itália — Volpi nasceu lá; os outros dois são oriundos. Todos fazem arte de caráter construtivo ou concretista, em que o rigor técnico faz contraste

Sergio Berezovsky



Fotos: Luz Bittar

Sacilotto, montando uma de suas "Concreções" para a mostra; no alto, Fiaminghi; acima, "bandeirinhas" do mestre Volpi; semelhanças

com a luz. E, a despeito da influência sofrida, via Max Bill e Escola de Ulm, de uma proposta seguramente germânica, de régua e compasso, ambos realizam com tempera-ovo um construtivismo mais leve, mais emotivo, menos frio, mais latino.

Caminhos — Sacilotto, 56 anos, fez suas primeiras experiências construtivistas em 1947, ano em que participou da mostra do Grupo dos 19. Com Waldeimar Cordeiro, foi precursor da arte concreta no Brasil. Com Fiaminghi, antecipou, em pelo menos dez anos, a vanguarda americana de 1965—66, a *optical art*: basta ver seu trabalho *Concreção 5521*, de 1955, e o *Alternado II*, que Fiaminghi realizou no ano seguinte. Mas, enquanto Fiaminghi faria suas melhores pesquisas no campo da retícula cor-luz, Sacilotto entrava mais no terreno da *op*, de maneira mais aguda, conseguindo efeitos ópticos até em sua escultura. Sacilotto, que estudou arte no Instituto Profissional Getúlio Vargas, começou como expressionista. Já Fiaminghi se iniciou pelo impressionismo — o que explica sua preocupação com a luz. Bastaria ver as primeiras telas de ambos os artistas para reconhecer-lhes os caminhos diferentes, apesar de paralelos. Fiaminghi é mais rigoroso, procurando diminuir a agressiva frieza dessa atitude com o reticulado, semelhante a uma textura inexistente. Ambos entregam-se ao prazer de descobrir armadilhas para o olho humano. Ora são planos que se aproximam e, devido às cores, criam tensões de efeito óptico; ora são figuras geométricas mutiladas, que geram desfigurações e metalinguagens. A rigor, o encontro de Sacilotto e Fiaminghi acabou compondo

uma síntese entre expressionismo e impressionismo, inclusive no uso da luz—não-luz a um só tempo, criando, paradoxalmente, encontros e desencontros geométricos.

Fiaminghi, sessenta anos, foi sempre artista gráfico, desde seu início na Editora Melhoramentos, onde trabalhou como artesão-litógrafo. E seu concretismo, ele acredita, deve-se principalmente aos cinco anos de estudos de desenho geométrico, obrigatórios no Liceu de Artes e Ofícios, onde se formou. Quando expôs pela primeira vez, na III Bienal de São Paulo (1955), foi classificado pelo júri entre os artistas de tendência con-

com a emoção do colorido, e usam em sua pintura a tempera-ovo, justamente porque nessa técnica não ocorre oxidação, como se observa em geral com o óleo sobre tela.

Aos 84 anos, Alfredo Volpi é atualmente considerado um mestre, embora quase todos os seus colegas e até colecionadores simplifiquem sua obra ao lhe atribuírem o rótulo de "pintor das bandeirinhas". Uma injustiça: afinal, as

bandeirinhas são um autêntico módulo de origem construtiva, manipuladas com mestria pelo artista, bom olho, observador ao extremo, sintetizador às últimas consequências. Volpi costuma dizer que o concretismo busca a forma, enquanto ele busca a cor, a luz, as transparências. Quem observar a obra de Sacilotto e Fiaminghi notará que também eles buscam o equilíbrio entre razão e emoção — ao procurarem a forma, ambos en-

creta. "Eu só queria simplificar a forma e limpar a cor", explica. Essa declaração aponta para a principal coincidência entre os três artistas de São Paulo: eles desaguaram no concretismo sem querer.

Reconhecimento — A retrospectiva de Volpi compreende trabalhos de 1950 a 1970, em pequenas telas, muitas vezes esboços para obras maiores. É um artista que nunca deixou de ser "construtivo". Para perceber isso é o bastante vê-lo riscar a tela antes de pintar. Ele cria geometrias rigorosas, depois abrandadas pelas tensões do colorido, que acabam modificando o projeto original. Ao contrário de seus dois colegas, Volpi optou por um módulo como tema — a bandeirinha de festa junina —, a partir do qual cria transparências e produz as suas luzes. Na mostra atual podem-se ver, inclusive, alguns projetos antigos, casarios, portadas, mastros e bandeiras — formas aparentadas às de seus amigos Fiaminghi, que teve ateliê junto com o mestre e com ele aprendeu a técnica da têmpera, e Sacilotto.

A obra de Volpi perdeu a velocidade, é hoje mais estática — além de prisioneira de um mercado ávido e inconseqüente. O trabalho de Sacilotto começa, finalmente, a ser reconhecido como o de um precursor importante, tanto da arte concreta como da *optical art*. Fiaminghi ainda irá realizar sua melhor obra — os "desretratos", trabalho de profundo sentido crítico, iniciado com o "desretrato" de Haroldo de Campos, o poeta concretista. Trata-se da decomposição de um retrato em diversos detalhes, com trabalho de retículas para a obtenção de efeitos, quase sempre dentro de uma arquitetura de formas que se perdem no espaçamento do "grão fotográfico": terminam obras abstratas. Volpi é cor; Sacilotto é forma; Fiaminghi é luz — assim fica mais bem definido o triângulo concretista. Um triângulo equilátero.